

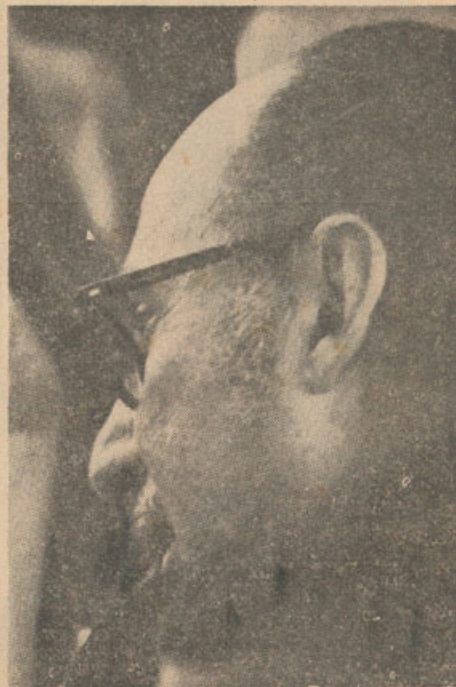
Astronautas da Lua verão me

David Rose: Um espetáculo

De óculos escuros, escondendo o cansaço da viagem, mas com muito bom humor e uma jovialidade contagiante, o compositor David Rose, que chegou ontem ao Rio, disse que o FIC é o maior evento musical do mundo, com um único defeito: a falta de propaganda no exterior, apesar dos esforços da coordenação do certame.



● *Styne: bom como o carnaval*



● *Sammy Cahn: revendo amigos*

— Mesmo tempo que decoraiva sua música ("horível", arregalando os enormes olhos azuis e fazendo caretas, David Rose disse ter música brasileira influenciada os ritmos modernos, embora seus arranjos sejam difíceis de ser reproduzidos, em face do estilo próprio dos compositores nacionais.

Musicalidade

Pela terceira vez no Rio, participando do FIC, o compositor norte-americano teve oportunidade de sentir de perto o povo, cuja música já conhecida há mais tempo, principalmente o carioca, que definiu como sendo o "mais musical e divertido do Universo".

— Na rua, num bar, não importa onde esteja, o brasileiro canta, esquece a vida — e o mais interessante é ver a criança aprender a letra de uma música, cinco minutos depois de tê-la escutada. É simplesmente estrondoso.

O importante, para David Rose, é a autenticidade do autor.

— Agradam quando são eles mesmo; quando querem imitar os outros não funcionam. Eu cabam fracassando. Eu admiro Sérgio Mendes pelo que é, pela sua real interpretação e não pela americanização.

— Claro que o compositor brasileiro faz sucesso nos Estados Unidos — exclamou David Rose, surpreso pela pergunta. A prova maior é que em cada cinco músicas tocadas em "night-clubs", três são de bossa nova. Quando o artista é bom em seu tempo, o estilo tende a exportar, mas se deixou sua terra desconhecido não pode pretender o sucesso da noite para o dia, ainda mais no estrangeiro.

Ele mencionou Cármen Miranda, o cantor Sérgio Mendes, acrescentando ter conhecido há pouco, numa recepção, um jovem autor que promete muito. Referiu-se a Edu Lôbo, em franca atividade na Califórnia.

Bonanza

— De agora em diante — prosseguiu — quero me dedicar mais aos concertos e gravações de discos. Passei dez anos de minha vida, comendo para o seriado "Bonanza" de segunda a sábado e de sábado

a segunda, todos os dias, das 12 horas da tarde às 12 horas da noite, de segunda a domingo, para programas de meia-hora. Hoje quero compor para mim.

David Rose já teve, de uma só vez, 22 programas de televisão com trilha sonora de sua autoria. Além dos dez anos em que compôs para "Bonanza", ele trabalhou durante 18 anos para o "show" de Red Skelton. Hoje, considera-se realizado e quer descansar, em companhia de sua esposa, Belinda, que aprecia sua música mas não deixa de se estastiar ao ouvir Beccarai, além de músicas clássicas, que, na opinião de David Rose, constituem a base para os ritmos modernos.

David Rose iniciou sua carreira como pianista, em Chicago, quando tinha apenas 17 anos. Nasceu em Londres mas se considera americano, por ter deixado a Inglaterra com a mãe e os três anos. Foi em Chicago que realizou os primeiros arranjos orquestrais, e onde formou seu primeiro conjunto. Antes da guerra teve um programa radiofônico, mas só em 1950 quando ingressou na TV, compondo para Bing Crosby, Dean Martin, Bob Hope, Fred Astaire e Julie Andrews. Seu primeiro sucesso discográfico foi "Holidays for Strings", mas considera "Win Victory" a composição mais importante, escrita durante a guerra para os soldados americanos.

Embora prefira compor trilhas sonoras no cinema, no momento dedica-se mais a programas de TV. Recentemente, compôs para o cinema o tema de "Hombr", de Paul Newman, e para a TV "Braken's World", programa que estreou na última sexta-feira, que narra a vida de jovens artistas que sonham com o estrelato.

Lamenta David Rose não ter podido gravar a "Sabá" — "composição feita para quem entende de música e não para ser comercializada". — É diferente de todas as músicas de Jobim — afirma —, só acho que Frank Sinatra gravou-a muito tarde. Sobre a composição de Jimmy Webb, considerado o "tip-top" dos compositores atuais americanos, afirmou não poder dizer nada a respeito, por ser inédita, escrita especialmente para o Festival. — "Mas, em se tratando de Webb, só pode ser excelente, concluiu."

Julie Styne, o autor de "Funny Girl", que está pela primeira vez no Brasil, com convidado do IV FIC, acredita que o certame tem tudo para se tornar mais conhecido no mundo que o próprio carnaval.

— O artista que tiver a sorte de participar do Festival da Canção do Rio estará consagrado para a posteridade — afirma o compositor, que citou como exemplo o cantor americano Michael Dees, um dos premiados no Festival do ano passado.

Música e artista

Julie Styne, autor de melodias como "All the Way" e "People", acredita que a música que consagra o artista, e não que a popularidade promovida um "best-seller".

— Eu faço músicas para mim, porque sinto a inspiração e quero torná-la pública. Nunca pretendo alcançar o público pela fama do artista — confessa o autor dos sucessos de Frank Sinatra. Como prova do que afirma, cita o nome de Tony Bennett, que conseguiu a fama com "Just an Average" Doris Day, com "It's Magic", e recentemente, Barbra Streisand, com "People".

— O cantor vai-se, mas a música persiste. A música faz o artista e dificilmente este faz a música. Apesar de não pretender se considerar o "criador" de Frank Sinatra, Julie Styne acredita que, com suas composições, ajudou a erigir a fama do cantor, que, para ele, pode ser considerado um "segundo Valentino".

— Talvez o povo americano, e, por que não, também o estrangeiro, necessitava de um novo mito, Rodolfo Valentino

morreu deixando milhões de corações femininos desolados. Apareceu, então, um jovem cantor com muito charme, que conquistou o luar vivo do "latin lover". Assim, Sinatra tornou-se um ídolo, mesmo sem perceber o que lhe estava acontecendo.

Para Julie Styne, com o advento do fenômeno Sinatra surgiu uma nova geração, co-rodada com a contribuição de Cole Porter nos musicais norte-americanos.

Sofisticção

Grande admirador do ritmo brasileiro, Julie Styne, que considera "Gipsy" sua melhor composição, acha a bossa-nova o mais charmoso dos estilos contemporâneos, que está alcançando nos Estados Unidos sucesso idêntico ou superior ao do "rock-and-roll".

Os compositores brasileiros não autênticos — diz —, fazem a música na hora, mas quando procuram sofisticar a melodia acabam perdendo a essência do que queriam transmitir.

Há 15 anos ele compõe de parceria com Sammy Cahn as românticas melodias das grandes produções cinematográficas, como "A Fonte dos Desejos" e, recentemente, "Os Lírios no Campo", cuja versão teatral será encenada em breve, tendo à frente do elenco Sammy Davis Júnior.

É justamente nas composições teatrais que Julie Styne se realiza. — "Seu dramático por excelência, embora o público prefira me ver como autor melódico." No momento, está utilizando a trilha sonora do filme "Tesouro na Ilha" ("Treasure in the Island"), cujo intérprete é Richard Burton, que deverá ser lançado no próximo ano.

Calças de brim, camisa listrada e lenço no pescoço, Sammy Cahn — pela quarta vez no Rio para participar do Festival da Canção — é o mais brinçalhão dos compositores norte-americanos que chegaram ontem. Ele já é, inclusive, uma pessoa familiarizada ao meio musical carioca: ao desembarcar no Galeão, a primeira pergunta que fez foi se seu amigo Lula Freire não o estava esperando.

Sammy Cahn, parceiro de Julie Styne há 15 anos, também é um entusiasta do FIC, que gosta de ver divulgado "porque tem tudo para ser um sucesso: bons autores, excelentes intérpretes e participação do público."

Fascinação

Para o compositor, só existe uma palavra capaz de definir a música popular brasileira: fascinação.

— Pode parecer mentira o que digo, mas acredito que a bossa-nova representa o avanço de vinte anos na música moderna internacional. Só o compositor dá o sentido da música, seja um samba tradi-

cional ou bossa-nova. Por isso, não acredito na americanização do ritmo brasileiro. Ele é o que é. A música norte-americana é que ganhou um toque de bossa-nova, e não o contrário, como pretendem dizer.

Sammy Cahn também acha que os compositores brasileiros não têm nada a aprender nos Estados Unidos.

— Estudar o que? — pergunta —. Só as boas oportunidades financeiras justificam que eles viajem para lá.

Ele está convencido, ainda, de que a melodia é fundamental para a duração de um sucesso.

— Ainda hoje, o público se sensibiliza ao ouvir "All the Way", e, daqui, a uns dez anos ninguém se lembrará mais de "rock" ou do "is-it-it".

Como bom norte-americano, mas muito mais como bom conhecedor do assunto, Sammy Cahn garante que seu país está muito bem representado por Jimmy Webb.

— Não se trata apenas de um excelente compositor — afirma —. Ele é também um "bom pintor". Vai fazer sucesso em todos os sentidos.